

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCÂVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KARLA DAYANE SANTOS BARRETO PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
ALUNOS LEITORES: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO**

Amargosa – BA

2018

KARLA DAYANE SANTOS BARRETO PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
ALUNOS LEITORES: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção de grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Ma. Nanci Rodrigues Orrico.

Amargosa – BA

2018

KARLA DAYANE SANTOS BARRETO PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
ALUNOS LEITORES: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção de grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada 28 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Nanci Rodrigues Orrico _____
Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia
Professora Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Maria Eurácia Barreto de Andrade _____
Doutora em Educação pela Universidad Americana
Professora Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ivanete Gomes Pereira _____
Especialista em Neuropsicologia pelo Instituto Superior de Educação da América Latina
Professora Substituta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

“O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora.”

Bamberge

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou os meus passos durante esta caminhada.

Agradeço a minha Mãe (a minha contadora de história) que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando em todos os momentos difíceis e não me deixando desistir.

A Magno, o amor da minha vida e aos frutos do nosso amor, Kauã e Malu, que tiveram a paciência de conviver com minha ausência, certos do meu amor, me iluminando de maneira especial em cada pensamento.

A minha querida amiga Rosamaria que me apoiou e me incentivou não me deixando desistir desse sonho.

A minha orientadora Prof. Nanci Orrico pelo carinho e contribuição para a realização desse trabalho.

Obrigada a todos aqueles que direta ou indiretamente me apoiaram nessa longa caminhada. Um carinho especial aos meus colegas Neviton, Rosa Angélica, Quênia, Luciane e Cláudia pelos momentos de partilha e convivência.

“Se chorei ou se sorri
O importante é que emoções eu vivi”
(Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

PEREIRA, Karla Dayane Santos Barreto. *A Importância da Literatura Infantil na Formação de Alunos Leitores: uma Proposta de Pesquisa-ação*. 48 f. il. 2018. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa – BA, 2018.

RESUMO

Esta monografia apresenta percurso da história da Literatura Infantil no Brasil e mundo e até se consolidar como importante recurso didático nas escolas para formação de leitores. Destaca-se a Literatura Infantil como uma fonte enriquecedora de conhecimento e informação visto que esta oferece um método prazeroso e lúdico para que as crianças possam enveredar no mundo da leitura. Evidenciou-se nesta pesquisa o quanto é importante a mesma estar presente na sala de aula apresentando-a como uma grande aliada no processo de aquisição da leitura. Também foram apresentadas diferentes maneiras de trabalhar com a literatura e possíveis recursos, através de um projeto de pesquisa-ação. Desse modo, os objetivos dessa pesquisa foram os de: compreender como o trabalho com a literatura infantil pode ser um importante mecanismo de formação de leitores engajados e que desenvolvem um senso crítico sobre a realidade, refletir sobre práticas de incentivo à leitura por meio dos contos da literatura infantil e reconhecer as possibilidades de trabalho dentro dessa perspectiva. Através da pesquisa, constatou-se que a leitura proporciona ao leitor aprimorar seu caráter, sua personalidade, sua criatividade, imaginação e futuramente tornar-se um leitor crítico, apto a exercer sua cidadania, consciente da realidade social em que está inserido e das possibilidades de transformá-la.

PALAVRAS –CHAVE: Literatura Infantil; Leitura; Pesquisa-ação.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01– Livro utilizado para contação de história	40
FIGURA 02 – Professoras caracterizadas para contação de histórias	40
FIGURA 03 – Cd com música do livro “A fábrica mágica”	41
FIGURA 04 – Informações sobre a autora do livro “A fábrica mágica”	41
FIGURA 05 – Brinquedos construídos com sucatas	41
FIGURA 06 – Contação com fantasia	42
FIGURA 07 – Contação com avental	42
FIGURA 08 – Contação com cineminha	43
FIGURA 09 – Contação com fantoche de vara	43
FIGURA 10 – Contação com fantasia e cartazes com imagens	43
FIGURA 11 – Contação com cineminha	43
FIGURA 12 – Alunos após a apresentação	44
FIGURA 13 – Equipe de contadores	45
FIGURA 14 – Equipe de diálogo sobre a história	45
FIGURA 15 – Equipe de atividades após a contação	45
FIGURA 16 – Equipe de lembrancinha e agradecimento	45
FIGURA 17 – Capa do livro “Coach”	46
FIGURA 18 – Painel com as páginas para contação	46
FIGURA 19 – Construção da casinha do autor	46
FIGURA 20 – Porquinhos de massa	46
FIGURA 21 – Caixa com livros arrecadados	47
FIGURA 22 – Visita à Biblioteca Municipal de Amargosa	48
FIGURA 23 – Contando a história	49
FIGURA 24 – Conversa após a contação	49
FIGURA 25 – Representando a história contada	49
FIGURA 26 – Representando a história	50
FIGURA 27 – Os contadores de história	50

FIGURA 28 – Capa do livro “A colcha de retalhos”	50
FIGURA 29 – AF contando história	50
FIGURA 30 – Palestras e lance literário	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA	13
1.1 ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL NO MUNDO E NO BRASIL.....	13
2. LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: REFLEXÕES IMPORTANTES.....	20
2.1 LITERATURA INFANTIL: A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	20
2.2.O LÚDICO E A FANTASIA NA VIDA DA CRIANÇA E O PAPEL DA ESCOLA	25
3. PERCURSOS METODOLÓGICOS	30
3.1. A PESQUISA-AÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO	30
3.2 ESTRATÉGIAS PARA INCENTIVAR O GOSTO PELA LEITURA: A VIVÊNCIA DA PESQUISA-AÇÃO.....	32
3.3. CAMPO EMPÍRICO DA PESQUISA	35
4. A PESQUISA EM AÇÃO NA PRÁTICA: A EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	37
4.1 O INICIO DO PROJETO: DRAMATIZANDO A HISTÓRIA	39
4. 2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM VÁRIOS RECURSOS	42
4. 3 O RECONTO.....	44
4. 4 CAMPANHAS DE INCENTIVO À LEITURA	47
4. 5 OS CONTADORES DE HISTÓRIA.....	48
4. 6 FINALIZANDO O PROJETO.	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS:.....	54

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema “A importância da Literatura Infantil na formação de alunos leitores: uma proposta de Pesquisa-ação”. A ideia de escrever sobre esse assunto nasce da minha própria história enquanto criança que cresceu ouvindo contos e mais contos e enquanto professora apaixonada pela arte de narrar as mais variadas aventuras imaginadas, cheias de personagens, comédia, risos e ensinamentos.

O problema de pesquisa surgiu quando percebi que, apesar de ter crescido em um ambiente de contação de histórias orais e de gostar de recontar essas histórias para meus filhos e meus alunos, na minha prática e de muitas de minhas colegas de profissão o trabalho com a Literatura Infantil ainda é deixado em segundo plano, por ser julgado como algo menos importante dentre os conteúdos escolares.

Sabendo que a literatura infantil desempenha um papel importante no desenvolvimento do ser humano, é fundamental que, antes mesmo de começar o aprendizado da leitura, a criança consiga, através do momento da contação de histórias, vivenciar esta atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento, pois a contação de história auxilia na formação humana e na consciência de mundo e por isso deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar, a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura. No entanto, a maior parte das crianças que frequenta a escola interagem com o texto escrito de forma mecânica, usado apenas para fins didáticos.

Através das histórias que ouvem, as crianças podem construir um mundo de ideias e experiências enriquecedoras, já que, segundo Coelho (2009):

A literatura em especial a infantil tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2009, p.15).

Assim, a literatura infantil é compreendida como instrumento facilitador na construção do conhecimento da criança, despertando-a para o mundo da leitura. É com

essa perspectiva que surgem as indagações sobre o meu posicionamento perante uma turma do 3º ano, objeto dessa pesquisa, da qual era professora.

Das indagações e vivências, surgiu a necessidade de problematizar se o trabalho com a literatura infantil era vista como peça fundamental para o incentivo e em que medida utilizava a contação de histórias na minha rotina diária de sala de aula. A partir de tais questionamentos e também do desejo de entender como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental encaram a leitura de livros literários para seus alunos, se como ferramenta importante para formação do leitor ou não, fui idealizando a pesquisa que surgiu com a seguinte questão norteadora: Como trabalhar na realidade do nosso dia a dia de sala de aula e criar situações nas quais a leitura de livros literários seja essencial para a formação do leitor?

A pesquisa, de abordagem qualitativa, partiu da necessidade de compreender a importância da literatura infantil no processo de formação do leitor, entendendo que a formação de leitores torna-se essencial para a convivência na sociedade e que esta descoberta foi feita pelo homem para garantir a transmissão de sua história: “o impulso de contar história deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros certas experiências suas, que poderia significar para todos” (COELHO, 2009,p. 21), o estudo parte do princípio que considera a Literatura Infantil fator indispensável na vida da criança.

O trabalho com a Literatura Infantil através da contação de história tende a motivar a criança a ser um leitor e também contribui na sua consciência de mundo tornando-o um indivíduo crítico responsável e atuante na sociedade. Assim, “o ler relaciona-se ao desenvolvimento linguístico da criança com a formação da compreensão do fictício com a função específica da fantasia infantil com crueldade na história e a aquisição do saber”. (Zilberman, 1987, p.26).

Desse modo, os objetivos dessa pesquisa foram os de: compreender como o trabalho com a literatura infantil pode ser um importante mecanismo de formação de leitores engajados e que desenvolvem um senso crítico sobre a realidade, refletir sobre práticas de incentivo à leitura por meio dos contos da literatura infantil e reconhecer as possibilidades de trabalho dentro dessa perspectiva.

Para facilitar o entendimento do texto e possibilitar maior compreensão sobre os resultados da pesquisa, a monografia foi organizada da seguinte forma: O primeiro tópico tratou da conceituação sobre o surgimento da Literatura Infantil no cenário mundial e posteriormente no Brasil. O segundo capítulo aborda a formação do leitor e as diferentes categorias de leitores, além de uma abordagem sobre a importância do lúdico e da fantasia na vida da criança e o papel da escola nesse contexto. O terceiro capítulo apresenta o percurso metodológico com ênfase na abordagem escolhida e o quarto descreve as atividades pensadas para a concretização desta pesquisa-ação. A pesquisa conta ainda com as considerações finais que não encerram as discussões que serão aqui traçadas, mas possibilita a outros pesquisadores um espaço para repensar ideias relacionadas ao tema.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA

Nesse capítulo, a intenção é refletir sobre a literatura e sua relevância no desenvolvimento infantil e formação do ser humano, entendendo-a como uma atividade capaz de promover nas mentes a expansão das emoções, paixões, desejos e sentimentos de diversas ordens, além de possibilitar, no encontro entre homem e literatura, a oportunidade de ampliação, transformação e enriquecimento das experiências de vida. Também se pretende, no decorrer desse capítulo, historicizar a origem da literatura no Brasil e no mundo, buscando subsídios para que repensemos algumas práticas e atividades com a leitura literária que acontecem atualmente na maioria das nossas escolas.

1.1 ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL NO MUNDO E NO BRASIL

A literatura é uma dentre as várias formas de manifestação da arte, como são a pintura, a música e a dança. Autores apontam a literatura como uma arte abrangente, que possibilita ao homem o conhecimento e representação de si e do mundo. Ela é uma das produções humanas mais importantes para a formação do indivíduo, pois sua matéria prima é a palavra, o pensamento e as ideias, exatamente aquilo que distingue e define o ser humano.

Segundo Scharf (2000), a literatura é:

[...] uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo: de um lado, expressa a experiência do autor; de outro, provoca uma experiência no leitor. Ela enriquece a imaginação e a fantasia da criança, cultiva a liberdade de espírito. As lendas e tradições folclóricas de todos os povos transmitidas oralmente, de geração em geração, são a principal fonte inspiradora da literatura infantil. (SCHARF, 2000, p.20).

Segundo Vygotsky e sua concepção histórico-cultural de aprendizagem, a literatura deve ir além do universo da bibliografia que se utiliza como trabalho em sala de aula. Dito de outra forma, isso implica entender que é importante investigarmos como ela se dá historicamente como forma de expressão e que lugar ocupa no mundo de hoje e no dia-a-dia de nossos alunos e das comunidades.

Entender historicamente a literatura nos dá ideia e interesse de compreender como as produções escritas têm chegado à população e como as diferentes produções literárias locais e regionais têm sido vistas como forma de expressão, manifestação artística e interação com o mundo. Sabemos o quanto o mundo literário está inserido nas nossas vidas, não apenas através dos livros, mas também de diversas formas, como no cinema, na TV, na música, no teatro, cujos recursos de expressão e de interpretação vão além do mundo das palavras, contudo vale ressaltar que o acesso e interesse pelos livros favorece a imaginação, a fantasia, o sonho, oferecendo-nos formas de pensar e explorar o mundo.

Reconhece-se assim a importância da literatura para o desenvolvimento infantil. Literatura é uma linguagem específica que expressa as experiências humanas, por isso dificilmente ela poderá ser definida com exatidão, já que faz parte da história assim como todas as criações culturais do homem.

A linguagem é o material da literatura, tal como, a pedra, o bronze o são da escultura, as tintas da pintura, os sons da música. Mas importante ter presente que a linguagem não é uma matéria meramente inerte como a pedra, mas já em si própria uma criação do homem. (WELLEK; WARREN, *apud* NICOLA 1993, p.12)

Neste sentido, a literatura tem como matéria-prima a língua, que, por sua vez, precisa do pensamento e das ideias. Por isso que, desde suas origens, ela possui função essencial de atuar sobre as mentes, que decidem as vontades e/ou ações e sobre os espíritos, nos quais se desenvolvem as emoções, paixões e desejos.

Para o pensador e crítico do Romantismo francês do século XIX, Louis de Bonlo, a literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem. Dessa forma, tanto a literatura quanto a palavra fazem parte da formação do indivíduo, pois ambas expressam as ideias e os pensamentos do ser humano e da sociedade, dando

aos homens a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer suas experiências de vida. Além disso,

[...] uma literatura contemporânea, por sua vez, vai além do prazer, da emoção: ela visa alertar, transformar a consciência crítica do leitor e interlocutor. A criança, através dela, associa e harmoniza a fantasia e a realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas. (SCHARF, 2000, p.20).

Mas, definir com exatidão o que é literatura será sempre complexo porque cada época a produziu e a compreendeu a seu modo, mas, sem dúvida, é muito importante conhecer a singularidade de cada momento da humanidade em sua constante evolução, até porque cada época compreende e apresenta a literatura à sua maneira. Sendo assim, pode-se dizer que a literatura, a cada momento da humanidade, representa uma etapa de sua constante evolução.

O impulso de contar história nasceu com o homem, no momento em que ele sentiu a necessidade de comunicar aos outros as suas experiências que poderiam ter significação para todos. Portanto, a literatura que hoje é conhecida através dos livros, teve sua origem na oralidade. Essa característica é marca tanto da literatura infantil, quanto da literatura direcionada aos adultos.

Isso se aplica pelo fato de que, na sociedade antiga, antes do século XVII, não havia separação alguma entre o mundo adulto e o mundo infantil. A literatura infantil iniciou sua trajetória com as mudanças da estrutura familiar, que não focava mais na amplitude de parentesco, mantendo a privacidade familiar e impedindo que seus parentes distantes participassem dos planos familiares individuais.

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura Infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (ZILBERMAN, 1987, p.13).

Com a decadência do período do Feudalismo, criou-se um novo modelo de estrutura familiar voltado a preservar os filhos e o afeto. Desagregam-se os laços familiares e descentralizam os vínculos de favores, elos de sangue, dívidas ou compadrio. O Estado Absolutista, seguido do liberalismo burguês, centralizou o poder da política para minimizar a rivalidade que existia na nobreza feudal, gerando grandes valores familiares, com visões de união familiar dando-se ênfase ao afeto interno, solidariedade entre seus parentes, formulando uma identidade familiar com condições de privacidade assim valorizando a nova visão de infância.

Essa visão passou a ver a criança de maneira especial, inserida na organização familiar que visa responsabilidade no crescimento dos filhos para que alcançassem a idade adulta de forma saudável. São novos olhares ao desenvolvimento intelectual dos filhos e controle de suas emoções. Nessa perspectiva se une escola e literatura infantil para alcançar êxito na nova missão de propor textos voltados para as crianças.

Segundo as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2006), as primeiras obras publicadas visando o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada para o público infantil: *La Fontaine*, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fenelon, lançadas postumamente, em narrativas do tempo passado moralidade, que o autor Charles Perrault publicou em 1697.

Do grande elenco de obras publicadas no século XVII, poucas permaneceram, porém as que vingaram continuam até os dias atuais, como os contos de fadas de Perrault, as aventuras de Robinson Crusóe, escritas por Daniel Defoe e as viagens de Gulliver de Jonathan Swif.

O século XVIII traz outras formas de se pensar a literatura e a relação das pessoas com os livros:

Desde o século XVIII a sociedade europeia e a sociedade ocidental, por extensão, vivem sob o emblema da evolução duradoura, que se manifesta em diferentes níveis: no econômico, persistem as consequências da revolução industrial, a que se associam profundas modificações tecnológicas e científicas; no plano político, a revolução democrática determina o avanço irrefreável das

formas de participação popular, na direção de um sistema comunitário apoiado na igualdade entre todos os seus membros. E enfim, desdobra-se uma revolução cultural, assinalada pela expansão das oportunidades de acesso ao saber. (SCHAFER, 2000, p.24).

Essa expansão das oportunidades de acesso ao saber fez com que surgissem novos autores e com que aumentasse a circulação de livros. O século XIX inicia-se pela repetição dos caminhos bem-sucedidos: os Irmãos Grimm, em 1812, editam a coleção de contos de fadas que pelo sucesso tornou-se sinônimo de literatura para criança. A partir desse sucesso dos Irmãos Grimm, se definiu com segurança os tipos de livros que mais agradavam os pequenos leitores e se determinou suas próprias linhas de ação: histórias fantásticas, histórias de aventura e histórias da vida diária das crianças. Sobre os contos de fadas, Schafer (2000, p.26) esclarece que: “A grande aceitação dos contos de fadas teve pelo menos duas consequências importantes sobre a evolução da literatura infantil. Em primeiro lugar, surge o predomínio do lúdico sobre o instrutivo; em segundo, define-se um gênero especificamente voltado para crianças. ”

Se a literatura infantil europeia teve início no século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os contos da Mamã Gansa, a literatura brasileira só veio surgir no século XX, apesar que, ao longo do século XIX, estudos mostraram algumas notícias de aparecimento de uma outra obra destinada a criança.

No Brasil, até o século XIX, a escola praticamente não existia. Com a chegada da Família Real, surgiram novas perspectivas direcionadas à vida educacional do país. Como resultado da formação de professores e do surgimento do livro texto, começou-se a pensar em um livro recreativo, originando daí a vinculação de livros de Literatura Infantil no Brasil.

Com a implantação da imprensa, que se iniciou oficialmente em 1808, a atividade editorial no Brasil começou a publicar livros destinados ao público infantil, a partir das traduções das Aventuras Pasmosas do Barão de Munkausen, em 1818; Contos da Carochinha, em 1894, por Alberto Figueiredo Pimentel e Histórias da Baratinha , em 1896. Nesse período, destacou-se a figura de Arnaldo de Oliveira Barreto, um humanista da Literatura Infantil Brasileira, que fez adaptações de obras originais da mitologia grega para o público infantil.

Enquanto na Europa percebe-se que o folclore foi de suma importância na formação de narrativas infantis, no Brasil havia um repertório popular mas não um avanço nos escritos infantis. Nas últimas décadas do século XIX delineia-se a literatura infantil no Brasil. Figueredo Pimentel e Carlos Jansen fazem adaptações nas narrativas literárias que havia, com um estilo europeu, distante da realidade das crianças brasileiras, ainda era uma literatura que se espelhava em uma cultura alheia.

Na tentativa de modificar esse quadro e buscar uma literatura mais vinculada à identidade brasileira:

[...] surgem as obras nacionais, patrióticas de Olavo Bilac, em parceria, ora com Coelho Neto, ora com Manuel Bonfim, seguindo-se Júlia Lopes de Almeida e Tales de Andrade, inspiradas em obras européias, que sucederam a traduções-adaptações, mas com um caráter de nacionalização. A produção literária, nessa época, é marcada por preocupação moralista, exaltação do trabalho, disciplina, obediência e, acima de tudo, um cantar à beleza da pátria.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1994, p. 88).

Pode-se, então, dividir a literatura brasileira em fases. A primeira fase da Literatura Infantil é vista como um período de amadurecimento que foi representada pelo jornalismo e traduções. Desde então a época, muitas mudanças foram surgindo nos conteúdos educacionais, dando origem também a novos comportamentos, sentimentos e valores veiculados na Literatura Infantil, que passa a ser apresentada em livros mais sofisticados, coloridos e atraentes.

Na fase inicial, a literatura infantil brasileira foi marcada por Carlos Jansen em “Contos seletos das mil e uma noites”, Robinson Crusóe em “As viagens de Gulliver a terras desconhecidas”, Figueiredo Pimentel com “Contos da Carochinha”, “Contos pátrios” com Coelho Neto e Olavo Bilac. Monteiro Lobato foi o grande nome da Literatura Infantil do início do século XX. Ele foi um dos pioneiros a produzir literatura infantil no Brasil e na América Latina. Além de divertidas, as histórias de Lobato são instrutivas e recheadas de informações sobre o país.

Com Monteiro Lobato é que se tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica-pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças

(Pedrinho e Narizinho), “outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó. (CUNHA, 1983, p.20).

Foi com Lobato que a nossa Literatura Infantil ganhou visibilidade, pois apresentou uma literatura que se ramificava por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, as brincadeiras. Com Lobato nasceu uma literatura genuinamente brasileira e através dele outros autores escreveram obras que ainda são lidas pelas crianças, como por exemplo, Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Pedro Bandeira e muitos outros.

No final dos anos 60 há um desenvolvimento considerável na literatura destinada às crianças e aos jovens. A década de 80 é considerada por muitos como o período de ênfase da literatura infantil. Temas que até então não eram tratados nas narrativas infantis começam a ser abordados, como o sentimento de perda pela morte, a separação dos pais, as mudanças sexuais na adolescência, a preocupação ecológica. Surgem várias coleções infantis e autores renomados despontam, destacam-se o tratamento de temas próprios da realidade do cotidiano das crianças e adolescentes, além do surgimento de uma preocupação maior com a linguagem e o fazer artístico das obras.

Os autores que surgem e se destacam no cenário atual da Literatura Infantil Brasileira oferecem à criança um excelente meio de leitura crítica do mundo a partir das histórias alegres, divertidas, inteligentes, além da riqueza das ilustrações.

Considerando a relevância da literatura infantil na formação e no desenvolvimento sócio-cultural do indivíduo, ressalta-se a necessidade de compreendermos os elementos da história da Literatura Infantil e reconhecer que os leitores se formam de acordo com suas vivências com livros, tendo estabelecido um convívio mais ou menos estreito com a leitura. Deste modo, a escola tem um papel imprescindível no que se refere ao fortalecimento da leitura, com práticas escolares que privilegiem o gosto por temas e expressões variadas da literatura infantil, abrangendo toda a Educação Básica. Este será o tema da seção a seguir.

2 LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: REFLEXÕES IMPORTANTES

Neste capítulo serão discutidas algumas tensões que estão relacionadas à formação de leitores, à literatura e às práticas pedagógicas que acontecem na escola. Com a intenção de problematizar diferentes elementos que se entrelaçam às temáticas da literatura e formação de leitores nos espaços educacionais, pretende-se refletir sobre a formação do leitor literário e algumas situações escolares que têm sido promovidas para se pensar a formação desses leitores.

2.1 LITERATURA INFANTIL: A FORMAÇÃO DO LEITOR

“Nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.”

Nelly Coelho

Freire (2008, p.17), ao refletir sobre a sociedade brasileira diz que esta: “[...] exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona. ”. Concordando com as ideias desse autor, é urgente que pensemos como a leitura tem sido trabalhada nas escolas e como se entende questões relacionadas com a formação de leitores literários e acesso da população aos livros.

Nessa perspectiva, reconhece-se que, até bem pouco tempo, a Literatura Infantil era considerada como um gênero secundário e visto pelo adulto como algo pueril ou apenas útil para o entretenimento.

Vulgarmente a expressão “literatura infantil” sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados a distração e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor. (COELHO, 2009, p.29)

A valorização da literatura infantil como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes, bem como dentro da vida cultural das pessoas, é uma conquista recente, visto que era tratada como algo sem importância. Hoje essa valorização é produto da sua função formativa, com vistas à consciência. Essa valorização foi aberta pela psicologia experimental que revelou a inteligência como elemento estruturador do universo que cada pessoa constrói dentro de si.

Essa estruturação chama a atenção para diferentes estratégias de desenvolvimento da infância à adolescência. Segundo a autora Nelly Coelho (2009), para que o convívio do leitor com a literatura tenha como resultado o gosto pela leitura, muitos fatores estão em jogo e entre os mais importantes estão a necessidade de adequar os textos a diversas etapas do desenvolvimento infantil. Ela explica que a sucessão das fases evolutivas da inteligência ou estruturas mentais é constante e igual para todos. Também a idade corresponde a cada etapa, modificando-se dependendo da criança ou do meio em que ela está inserida.

A inclusão do leitor em determinadas “categorias” depende não apenas da sua faixa etária, mas principalmente da interrelação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura. (COELHO,2009, p.32).

É esse conhecimento dos interesses do leitor conforme a sua idade e ao seu grau de maturação que vão possibilitar ao professor despertar nos seus alunos o gosto e o hábito de ler, além de levá-lo a dialogar, investigar, criar e estabelecer relação entre sujeito e objeto. Coelho (2000) organizou cinco categorias de leitor, de acordo com a faixa etária e o grau de domínio da leitura. Ela também sugeriu alguns princípios orientadores que poderiam ser úteis para a escolha de livros adequados a cada uma das cinco categorias.

Para a autora, o primeiro estágio psicológico da criança é o PRÉ-LEITOR. Este estágio abrange duas fases: a primeira infância (15/17 meses aos 2 anos) e a segunda infância (a partir dos 2/3 anos). Na primeira infância, a criança inicia o reconhecimento da realidade, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato. É a chamada fase da invenção da mão, pois nesse período o impulso básico é pegar tudo que está ao seu

alcance. Este é também o momento em que a criança começa a conquista da própria linguagem e passa a nomear tudo que está a sua volta.

A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas. (CASTRO, 2012,p.12).

Como estímulo a essa linguagem, o adulto deve incluir entre os brinquedos das crianças gravuras de animais, livros de plástico ou objetos familiares. Nessa fase, o adulto tem papel muito importante, pois o mesmo deve atuar manipulando e nomeando os brinquedos, gravuras e objetos, inventando situações bem simples que estejam relacionadas com o mundo da criança. As histórias para essa faixa etária devem conter o movimento, pois a criança prende-se ao movimento, ao tom de voz e não ao conteúdo que está sendo contado.

A segunda infância é a fase em que começam a predominar os valores vitais (saúde) e sensoriais (prazer, carência física e afetiva). Nesta fase aprofunda-se a descoberta do mundo da linguagem através das atividades lúdicas. Os livros adequados para essa fase devem propor vivências relacionadas ao cotidiano familiar e apresentar características como: predomínio da imagem, textos brevíssimos contendo humor, graças ou um certo clima de expectativas ou mistério.

Nesta fase, os livros adequados devem apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem que deve sugerir uma situação. Não se deve apresentar texto escrito, já que é através da nomeação das coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros. (CASTRO, 2012,p.12)

Vygotsky (apud DRACO,1998, p.10) pontua em seus estudos que “a criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança, pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação as restrições situacionais”. Quando uma criança participa de uma história, seja como ouvinte, locutor ou outro papel, ela está em pleno desenvolvimento de suas funções afetivas, cognitivas e emocionais, por isso o adulto tem um papel relevante nessa fase, já que as histórias lidas ou dramatizadas

por ele levam a criança a perceber a inter-relação entre o mundo real que a cerca e o mundo da palavra que nomeia o real.

O LEITOR INICIANTE é, para Coelho (2009), a segunda categoria. Ela começa a partir dos 6/7 anos e é a fase da aprendizagem da leitura, na qual a criança conhece com facilidade as letras do alfabeto e reconhece sílabas simples e complexas. As crianças passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como: contos de fadas ou contos maravilhosos e fábulas. Isso porque nesses gêneros textuais a criança tem nesta perspectiva, a possibilidade de envolver o real e o imaginário. Nessa etapa, o adulto como agente estimulador não apenas leva a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, mas também estimula a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão a porta para o mundo da escrita.

A criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreender melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. (CASTRO,2012,p. 21).

Para essa categoria, os livros adequados devem apresentar a imagem predominante, narrativa com uma situação simples que tenha início, meio e fim, onde os personagens podem ser reais (humanos) ou simbólicos (animais, plantas, objetos), mas que tenham sempre traços bons ou maus, fortes ou fracos. Para as crianças dessa categoria, as histórias que mais atraem são as bem-humoradas em que a astúcia do fraco vence a prepotência do forte ou as que o bem vence o mal.

A terceira categoria é a do LEITOR EM PROCESSO, que inicia-se dos 8/9 anos quando a criança já domina a leitura, o seu pensamento lógico está organizado em formas concretas que permitem as operações mentais e sente atração pelos desafios e pelos questionamentos de toda natureza. Como a criança já domina a leitura, os livros dessa fase apresentam domínio de textos sobre a imagem, presença de diálogo entre personagens e a narrativa deve girar em torno de uma situação central que pode ser um problema. De acordo com Coelho (2009) deve conter início, meio e fim. O tema deve girar em torno de um conflito que deixará o texto mais emocionante e culminar com a solução do problema.

O LEITOR FLUENTE (a partir dos 10/11anos) é atraído por histórias que apresenta valores éticos, por heróis ou heroínas que lutam por justiça. Identificam-se com textos que apresentam jovens em busca de espaço no meio em que vivem, por isso é adequado oferecer a esse tipo de leitor, histórias com linguagem mais elaborada. As imagens ainda aparecem, visto que são um elemento forte de atração. Nessa fase, a sua capacidade de concentração cresce e ele é capaz de compreender o mundo expresso no livro. Segundo Coelho (2009), é a partir dessa fase que a criança desenvolve o “pensamento hipotético dedutivo” e a capacidade de abstração.

O LEITOR CRÍTICO (a partir dos 12/13 anos) faz parte da última categoria. O leitor crítico continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior, porém, é necessário que ele se aproprie dos conceitos básicos da teoria literária. Nessa fase, os livros dispensam imagens, as personagens que mais atraem são os heróis/heroínas que lutam por um ideal humanitário e justo; a linguagem é mais elaborada e o gênero que mais atrai são os contos de aventura/ terror e as crônicas. O convívio do leitor crítico com o texto literário, segundo Coelho (2002, p.40) “deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura”.

Sabemos o quanto a leitura é importante nas nossas vidas. Silva (1991) defende que:

A leitura [...] passa a ser, então, uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas, na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita; a experiência dos produtos culturais que fazem parte desse mundo só é possível pela existência de leitores. Daí ser a escola uma instituição formal que objetiva facilitar a aprendizagem não só do falar e ouvir, mas principalmente do escrever e ler (SILVA, 1991, p. 64).

Portanto, conhecer o sujeito que se pretende formar leitor e os seus interesses, conforme a sua idade, é um dos cuidados que deve ser previsto e planejado pelo professor para que o trabalho com literatura infantil se organize de maneira a produzir aprendizagens de caráter prazeroso e significativo.

2.2. O LÚDICO E A FANTASIA NA VIDA DA CRIANÇA E O PAPEL DA ESCOLA

A Literatura não é como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.

(Meireles, 1984)

A criança é um ser especial, diferente do adulto. Ela vive em um mundo de brincadeiras e fantasias, onde o lúdico está sempre presente. Porém, ela apropria-se da cultura incorporando seus elementos ao seu universo infantil, dando-lhe a forma de brincadeiras através do faz de conta, copia modelos e vivencia a seu modo o mundo do adulto.

A criança se educa brincando e o brincar pode ser um grande instrumento de educação, formação de personalidade, cidadania e alfabetização. É no mundo da brincadeira que ela encontra equilíbrio entre o real e o imaginário, descobre o mundo e torna-se um ser ativo. “Ao brincar, a criança movimenta-se em busca de parcerias e na exploração de objetos, comunica-se com seus pares, expressa-se através de múltiplas linguagens, descobre e toma decisões.” (KISHIMOTO, 2005, p.5).

No processo educacional da criança, deve-se levar em conta o aspecto lúdico e este tem como principal objetivo despertar a criança para a realidade que a cerca, dando-lhe consciência de seu papel na sociedade e conseqüentemente a valorização própria. Para ajudar nesse processo, existem diferentes tipos de estratégias de texto que, como manifestações da linguagem, ultrapassam o mero nível informativo. Muitos desses estão presentes na literatura infantil, através dos contos de fadas, lendas, poemas e outros.

A literatura infantil permite um contato da criança com diferentes formas de pensar e expressar suas ideias. Isto auxilia na identificação do seu próprio pensamento e na sua atuação enquanto leitora e criadora. Além disso, através do contato com variados textos, ela vai ampliando a sua percepção de mundo e o seu vocabulário.

A desmistificação do livro deve começar desde que a criança é bebê. Permitir que o livro seja também um brinquedo e não um objeto intocável, sagrado,

dono da verdade[...]. Mais tarde, é importante também que as crianças ganhem livros e não somente outros brinquedos e que estes possam até mesmo ser rasgados e perdidos como acontece com qualquer brinquedo. (NERY, 1989, apud, SOUZA, 2001, p.33)

A escola deve incentivar o lúdico e a fantasia que são características da criança. As histórias infantis, além de ter o lado lúdico, servem como algo enriquecedor do vocabulário, de fatos históricos, geográficos, datas, trabalhos com ritmos, expressões e tantas outras formas de socialização que possibilitam uma melhor aprendizagem.

Entretanto, o que comumente ocorre é a não valorização das ideias ou criatividade das crianças, passando a exigir destas determinados padrões que são vistos pela escola como comportamento perfeito. Conforme Zilberman (2005), ao refletir sobre a utilização dos livros nas escolas, o próprio surgimento dos primeiros livros infantis veio para atender às solicitações, indiretamente formuladas, de um determinado grupo social emergente, uma classe média urbana em ascensão. A predominância de autores homens e europeus traz embutido nos livros um padrão de beleza e moral a ser seguido. Nos livros, principalmente nos dos contos de fada, observa-se a relação entre ética/estética, beleza/bondade e um ideal imposto do bom e do belo reforçado pelas imagens da princesa, do príncipe, do bruxo, dos monstros, do serviçal. Daí que muitas vezes a escola utiliza esses livros literários para “trabalhar” boas maneiras, bons padrões de comportamento e, como consequência, a criança não cria meios para se socializar.

Ao narrar sua história de leitor, Freire (1992) pontua que a leitura, entretanto, está para além dos livros. A leitura começa na compreensão do contexto em que se vive ou na relação estabelecida com ele, como também defende Foucambert (1994):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992, p. 11-12).

Desse modo,

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994, p. 05).

Segundo estes autores, a leitura não se resume a leitura de livros, está relacionada ao ato de questionar e explorar o mundo e os diferentes textos que circulam no mundo, mas questiona-se, a partir de então, como a escola tem trabalhado essa leitura de mundo e promovido a relação do mundo dos alunos com o dos livros? Segundo Perrotti (1999) há uma diferenciação entre o que é ser leitor e o que é ser ledor:

O ledor prefigura aquele ser passivo, imobilizado, que pouco ou nada acrescenta ao ato de ler. O texto para o ledor não tem aberturas porque ele decifra mecanicamente os seus sinais. Não há mistério, nem criação. A leitura é definitiva. O leitor, no entanto, é móvel e tem um olhar indefinido, errante e criativo sobre o texto, que se permite ler em suas linhas e entrelinhas, desvelando seus sinais visuais e invisíveis. Isto só ocorre quando se dá o pacto entre texto e leitor, que o ledor não se arrisca a fazer. (PERROTTI, 1999, p. 32).

Isso nos remete a pensar a leitura e a formação de leitores na escola. O que a escola vem fazendo? Formando leitores ou ledores? Estudos apontam que a leitura nas escolas brasileiras ignora o papel dinâmico que o texto exerce sobre o leitor e segue seu trabalho diário aguardando, quase sempre, respostas prontas, visando a reprodução dos saberes cientificamente acumulados, tornando, desse modo, inviável a tão sonhada possibilidade de formar leitores espontâneos, capazes de enxergar, no ato de ler, uma aventura rica e prazerosa. A leitura escolar acaba não permitindo que o leitor apreenda o sentido do texto, mas apenas decifre seus símbolos linguísticos sem compreendê-los (KLEIMAN, 2008).

Ao pensarmos sobre a realidade da leitura literária nas escolas uma realidade nos atinge: as escolas de Educação Básica não têm conseguido, muitas vezes, promover o interesse nos alunos; muito pelo contrário, o texto literário que se conhece nas escolas, é tão fragmentado, limitado e escolarizado que o aluno já o lê achando que terá que “prestar contas” do que leu. Paulino (2009, p.1) atenta para o fato de que nas escolas os textos literários têm sido “(...) lidos e tratados como as notícias do marmoto: quantas foram as vítimas, como sucedeu o evento, que países atingiu, por que não houve dele previsão? ”

A literatura, entretanto, não pode se prestar a esse papel, “a obra literária é um objeto social” como afirma Lajolo (1995, p.17), objeto que nasce da relação entre autor e leitor, não escolar apenas. A literatura não pode se prestar a ser usada como pretexto para se trabalhar conteúdos e conceitos escolares, como acontece na prática. Quando o professor se permite vivenciar a literatura de forma eficiente, a sala de aula passa a ser espaço da variedade de sujeitos, de objetos de leitura. O trabalho literário na escola, além de contribuir para a formação do leitor, representa a única oportunidade de ler que muitas crianças têm.

Alguns fatores têm importância decisiva para o sucesso com a literatura. O primeiro deles é o fator pessoal, que aponta para a atitude do professor diante do livro. O seu entusiasmo pode contagiar a classe, fazendo o aluno “viajar” com um livro nas mãos. Mas, se o professor não souber apreciar a obra poderá desestimular o aluno, mesmo inconscientemente.

Ao contar histórias infantis, o professor deve transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração das crianças. A arte de contar histórias gera um compromisso dos mais profundos entre contadores e ouvintes, visto que, além do entretenimento que possa proporcionar, se constitui em fonte de reflexão e acréscimo ao intelecto e ao emocional.

A arte de contar histórias exige talento e técnica por parte do contador. Para que o professor possa se tornar um bom contador de histórias, é necessário que ele as leia várias vezes até se sentir intimamente ligado a ela e assim, ao contar, ele possa dar uma maior ênfase aos momentos de maior exaltação para que a mesma se torne mais interessante, utilize gestos, mudanças de voz e aceite a participação dos ouvintes.

Outro aspecto de destaque é o clima de aconchego e tranquilidade necessários para o início da história, isto será facilitado à medida que os textos escolhidos tenham identificação com o grupo de ouvintes. As histórias orais fazem parte da história da humanidade e, portanto, mesmo as crianças mais velhas, que já tem o domínio da leitura e da escrita, sentem prazer em ouvi-las.

A escuta de história deve servir como pretexto para a criança dramatizar, cantar, pensar, imaginar, reinventar e assim ampliar suas percepções de mundo, desenvolvendo a

sua criatividade. Através do lúdico, o professor pode realizar várias atividades a fim de desenvolver na criança o gosto pela leitura e a fortalecer a seu interesse pela obra literária.

A escola e todo seu pessoal pedagógico precisa compreender que para formar leitores não basta oferecer livros. É preciso buscar alternativas para algumas questões como linguagem, leitura e sociedade, além de levá-los a perceber que o livro é um amigo, que pode nos levar a fazer uma série de descobertas. A escritora Ana Maria Machado, em entrevista concedida à Revista Nova Escola, em setembro de 2001 (p. 23) comenta sobre o seu amor pela leitura: “é preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado”.

Dessa forma, esse estudo se justifica pelas questões sobre literatura infantil aqui já delineadas e também pela tentativa de apresentação de uma experiência de pesquisa-ação voltada para a valorização do trabalho com a literatura infantil nos espaços escolares.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

É indispensável, em um trabalho de pesquisa, pensar aspectos que norteiem a condução e justifiquem a escolha de um ou outro percurso metodológico. É esta escolha criteriosa que irá convergir para uma execução satisfatória que atenda ao estabelecido para compreensão e interpretação dos dados observados e/ou vivenciados. Este capítulo apresenta os percursos utilizados para a execução do trabalho destacando a importância do pesquisador enquanto um participante que também produz e reflete sobre sua prática.

3.1 A PESQUISA-AÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO

Cada vez mais utilizada na educação, a pesquisa-ação é uma metodologia que tem proporcionado aos pesquisadores em Educação a possibilidade de produzir informações e conhecimento de uso mais efetivo (VAZQUEZ e TONUZ, 2006), combatendo, assim, um dos problemas das pesquisas educacionais, que é a dificuldade em promover ações transformadoras no âmbito das escolas.

A pesquisa-ação se caracteriza pelo seu aspecto colaborativo e cria condições para que possamos refletir sobre um dos maiores impasses enfrentados pelos educadores: a relação entre teoria e prática. Sabemos que a educação é uma prática social constituída na estreita relação com o conjunto das ciências sociais e outras áreas do conhecimento, entretanto, é preciso considerar, nas pesquisas em Educação, a relevância de se pensar a pesquisa em educação escolar atrelada a uma concepção que tenha a ação social como uma dimensão constitutiva, um ponto chave.

A pesquisa-ação, então, trata-se de uma pesquisa que articula a relação entre teoria e prática no processo de construção do conhecimento, ou seja, trata-se de uma

pesquisa que pensa a dimensão da prática – que é essencial na educação – como lugar privilegiado da pesquisa, como nos aponta Miranda e Resende (2006):

[...] a própria investigação se converteria em ação, em intervenção social, possibilitando ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada. Reflexão e prática, ação e pensamento, polos antes contrapostos, agora seriam acolhidos em uma modalidade de pesquisa que considera a intervenção social na prática como seu princípio e seu fim último. (MIRANDA; RESENDE, 2006, p.511).

Sendo assim, entende-se nesse estudo a pesquisa-ação como instrumento que possibilita a articulação entre teoria e prática a partir de uma perspectiva colaborativa e articulada, entendendo que as dimensões práticas e teóricas não podem ser vistas de modo desassociados.

Kemmis e Mc Taggart (1988, *apud* ELIA e SAMPAIO, 2001, p.248), ampliam esta forma de entendimento do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. (KEMMIS; MC TAGGART, 1988, *apud* Elia e Sampaio, 2001, p.248).

Tem sido atribuído à pesquisa-ação um caráter inovador. Isso porque o debate sobre as pesquisas acadêmicas em Educação tem sido historicamente resistente à participação do pesquisador na sua própria pesquisa. Além disso, no que diz respeito à superação das lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, os resultados da pesquisa-ação ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças.

Segundo Elliot (1997, p.17), a pesquisa-ação é um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, onde cada espiral inclui:

- Aclarar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver;
- Formular estratégias de ação;

- Desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência;
- Ampliar a compreensão da nova situação;
- Proceder aos mesmos passos para a nova situação prática;
- Aclarar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver;
- Formular estratégias de ação;
- Desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência;
- Ampliar a compreensão da nova situação;
- Proceder aos mesmos passos para a nova situação prática.

Logo, ela não pode ser confundida com um processo de auto avaliação; mas, sim, como uma prática reflexiva de ênfase social sobre o que se investiga e do processo de se investigar as práticas escolares. Elliot (1997) destaca que, justamente por isso, a pesquisa-ação é muito importante, apesar de ainda estar sendo pouco utilizada nos estudos educacionais. Novos olhares sobre esta pesquisa se fazem necessários, já que se reconhece que a utilização dessa metodologia pode nos levar a refletir e apresentar soluções para o problema pesquisado, já que ela é uma importante ferramenta teórico-metodológica, sendo capaz de aliar teoria e prática por meio de uma ação que visa à transformação de uma determinada realidade.

3.2 ESTRATÉGIAS PARA INCENTIVAR O GOSTO PELA LEITURA: A VIVÊNCIA DA PESQUISA-AÇÃO

Longe de pretender fazer uma exaustiva discussão sobre as características e possibilidades dessa importante modalidade de investigação, o que se propõe a partir de então é pensar a pesquisa-ação e suas contribuições para incentivar, nos alunos, o gosto pela leitura à medida que ela articula a ação e a reflexão no contexto da prática educativa.

Entendemos que falar de leitura é pensar também na sua dimensão sociopolítica, nos altos índices de analfabetismo que persistem no Brasil e na infinidade de projetos, ações e iniciativas no âmbito público e privado para fazer do Brasil um país que, de fato, lê. Toda essa preocupação em fazer do Brasil um país leitor tem fundamentos, afinal o INAF 2016 aponta que 23% da população brasileira é de analfabetos funcionais e que somente 8% é plenamente alfabetizada.

É certo que os dados numéricos não dão espaço para retóricas. Diante dos números, não há subterfúgios, o que existe é apenas uma realidade preocupante, já que a pesquisa realizada em 2016 com o intuito de aprimorar os dados do Índice Nacional de Analfabetismo (INAF), separou a população em: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente e constatou que apenas 8% chegam a este último. Ser considerado "proficiente" é ser capaz de entender e elaborar textos de diferentes tipos, de opinar sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto e também estar apto a interpretar tabelas e gráficos. Entretanto, o que a realidade dos números mais uma vez nos mostra é que os estudantes que completam o Ensino Médio (tendo um total de 12 anos de escolaridade) não conseguem, em grande parte, chegar a este nível: apenas 9% dos concluintes foram considerados proficientes.

É neste contexto que se entende a necessidade de ratificarmos a discussão em torno da formação de leitores nas escolas de Educação Básica, já que muitas vezes a escola prioriza práticas pedagógicas com a leitura nas quais as relações travadas com o texto se centram na mera decifração e oralização de sinais gráficos, desconsiderando que ser leitor é estabelecer uma relação com o texto e com autor, é capaz de dialogar com o texto e de se posicionar diante do que leu.

Colomer (2007) aponta que a formação leitora dos alunos deve fazer parte de um quadro de atuação educativa nas escolas¹, pois, no cenário educacional, as práticas de

1

Teresa Colomer, com a publicação de *Andar entre livros: a leitura literária na escola* (2007), lança as bases para se pensar a formação de leitores a partir da construção de um quadro de atuação educativa nas escolas, que se alimenta tanto dos avanços teóricos quanto da aplicação prática. Logo, a obra detalha quais seriam as ações necessárias à inovação das formas de se formar leitores, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

leitura que acontecem não têm levado os estudantes a estabelecerem uma relação dialógica com o texto, nessa busca de produção de sentido. Pelo contrário, a leitura nas escolas de educação básica nos coloca diante de um quadro conturbado, já que o contexto escolar, de um modo geral, não vem favorecendo sequer a “delineação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nas escolas de educação básica, a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática”. (KLEIMAN, 2003, p. 30).

Sendo assim, esse projeto foi desenvolvido para ampliar a formação de leitores em uma escola e o gosto pela leitura por meio de pesquisa-ação e priorizou a relação entre a pesquisadora e os pesquisados, já que a pesquisadora foi parte integrante do processo de investigação. Por conseguinte, a pesquisadora cumpriu um papel ativo no projeto, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas.

Como sabemos, a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada. Diferente da pesquisa tradicional, ela busca, como já vimos, unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, ampliar o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, um jeito de se fazer pesquisa em condições em que também se é uma pessoa da prática e se almeja melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000). Por isso, a relevância nesse caso desta opção metodológica, já que a pesquisadora é professora da instituição e os colaboradores da pesquisa são os seus alunos e alunas.

A pesquisa-ação busca que os sujeitos que nela estão inseridos trabalhem com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que surge num dado contexto no qual atuam realizando papéis distintos: pesquisadores universitários e pesquisadores (docentes no caso escolar). Averiguado o problema, é fundamental problematizá-lo, ou seja, pensar sobre ele, localizá-lo em um contexto teórico mais extenso e assim possibilitar a ampliação da consciência dos envolvidos, com vistas a planejar as maneiras de transformação das ações dos sujeitos e das práticas institucionais (THIOLLENT, 1994). Dessa forma, no contexto deste estudo, foi pensado como promover nos estudantes o gosto pela leitura.

Como a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa interpretativa que abarca um processo metodológico empírico, compreendemos que após a identificação do problema,

que foi a formação de leitores na escola pesquisada, era necessário o levantamento de dados relativos ao problema, à análise e significação dos dados levantados pelos participantes, a identificação da necessidade de mudança, o levantamento de possíveis soluções e por fim, a intervenção e/ou ação propriamente dita no sentido de aliar pesquisa e ação, simultaneamente.

Como a pesquisa-ação é uma sugestão metodológica que oferece um caráter revolucionário ao sugerir a mudança do modelo clássico de se fazer pesquisa, em que o pesquisador somente observa, onde há um afastamento entre o pesquisador e os objetos pesquisados (THIOLLENT, 1994), foi pensada nesta metodologia no contexto específico dessa sala de aula porque observou-se que os alunos não tinham interesse em ir à biblioteca e/ou ler contos infantis se essa atividade seguisse um modelo apenas de visita e troca semanal de livros.

Desse modo, e reconhecendo que a literatura infantil é primordial para o desenvolvimento de sujeitos críticos e que interveem em suas respectivas realidades, foi elaborada uma sequência de atividades para serem executadas em um período de dois meses. Tais atividades visaram um melhor acolhimento das crianças diante das práticas pedagógicas sugeridas nas aulas de biblioteca e tinham como objetivo o despertar do gosto pela leitura bem como o estímulo a formação de leitores desde a fase da infância. No capítulo a seguir, elas estarão melhor descritas e detalhadas para facilitar a compreensão sobre a proposta diante da metodologia escolhida.

3.3. CAMPO EMPÍRICO DA PESQUISA

A pesquisa se deu em uma escola da rede particular de ensino, situada no município de Amargosa, autorizada pelo Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia a funcionar atendendo crianças de todas as etapas da Educação Básica.

Com demanda de matrícula em torno de 400 alunos, a escola funciona em dois turnos, nos quais são distribuídas as crianças e jovens, tem área para estacionamento,

cerca de 13 salas de aula, sala de ciências, salas destinadas às coordenações e professores, biblioteca, brinquedoteca, além de cantina, quadra, parque infantil, sanitários para professores e funcionários, educandos (as) e específico para a Educação Infantil, com louça sanitária de tamanho adequado para esse público.

A acessibilidade à pessoas com dificuldade de locomoção permanente ou transitória é garantida, pois possui rampas de acesso e sanitários adaptados. No tocante às outras dificuldades de aprendizagens, atende às orientações da Educação Inclusiva e utiliza materiais didáticos como apoio pedagógico.

4 A PESQUISA EM AÇÃO NA PRÁTICA: A EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um “bom caso”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

(CASTRO, 2012).

Quando criança gostava brincar de faz de conta, de fazer bichinhos com palitos e de chuchus colhidos diretamente do pé, de brincar de escolinha, mas o que mais gostava era de ouvir histórias...

Tive o privilégio de ter ao meu lado minha mãe e minha amada e querida vó Nita, que sempre me encantaram com as suas contações de histórias de príncipes, princesas, reinos distantes, animais falantes, que sempre brincaram comigo de boneca e de “fazer comidinha”, de me levar para passear nas casas dos vizinhos mais velhos (Dinha Dali, Seu Niquin e Dona Maçú), onde tinha sempre a oportunidade de ouvir os seus “causos”. Saudades daquele tempo! Sem contar dos meus avós paternos Nini e Telércio, que sempre me acolheram lá na roça na época das férias e me proporcionavam momentos de brincadeira, alegria e também de contação de muitas lendas características da zona rural: lobisomem, saci-pererê, caipora e tantos outros “causos” engraçados e divertidos.

Cresci...e de ouvinte de causos e histórias passei a recontá-las.

Há 18 anos sou professora e, em minha sala de aula, sempre fiz questão de recontar aqueles “causos” e histórias que ouvia quando criança. Em cada história, colocava a minha cara, dava vozes aos personagens, contava detalhes dos lugares, me envolvia como se fizesse parte delas. Mas com o passar dos anos me percebi engolida pelos conteúdos, pelos aspectos burocráticos e protocolos que nos colocam em uma “forma”, a qual, sem perceber, vamos deixando de lado a nossa essência criativa. Aos poucos, fui percebendo que a contação e a leitura de livros infantis foram ficando em

segundo plano na minha rotina escolar que a cada dia afastava os meus alunos do universo da leitura por prazer.

Apesar de compreender a grande importância que a literatura exerce na vida da criança, seja no desenvolvimento emocional ou criativo, ainda não conseguia transformar a minha sala de aula em um ambiente que despertasse nos meus alunos o prazer de ler. Partilhei essa minha angústia com a coordenadora pedagógica da escola, que me incentivou a criar um projeto com a minha “cara”, no qual as crianças fossem as protagonistas.

Depois de leituras e pesquisas de diferentes projetos e trabalhos desenvolvidos a partir da literatura infantil, desenvolvi um projeto intitulado “Eu, Leitor”, no qual, a cada semana, aconteceram ações diferentes envolvendo a literatura infantil vinculada a ações lúdicas como a arte, a música e aos jogos.

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona. (CASTRO, 20012).

Foi buscando despertar nas crianças essa alegria e o prazer de ler que as atividades foram sendo apresentadas para a turma.

Assim, a pesquisa ação foi a metodologia escolhida por acreditar que nesta forma de investigação a pesquisa e ação andam juntas e fazem parte de um processo, cujo objetivo é transformar a prática. Além da troca de papéis que acontece entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa no desenvolvimento do projeto, o que favorece a formação de todos os envolvidos.

Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito toma consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudanças e reorganizam a sua autoconfiança de sujeitos históricos. (FRANCO,2005,P.486, *apud* FELIPPE,2010).

Durante o nosso processo de pesquisa, foi possível observar este movimento em algumas situações a partir das situações a seguir que foram vivenciadas:

- Contação de história com diferentes recursos;
- Leitura compartilhada;
- Visitas a biblioteca da escola e a biblioteca municipal;
- Campanhas de incentivo a leitura;
- Conhecendo uma contadora de história;
- Gincana literária

Passarei agora a explicar como cada uma dessas situações aconteceram e quais foram as implicações para buscar por esse cotidiano favorável para despertar o gosto pela leitura.

4.1 O INÍCIO DO PROJETO: DRAMATIZANDO A HISTÓRIA

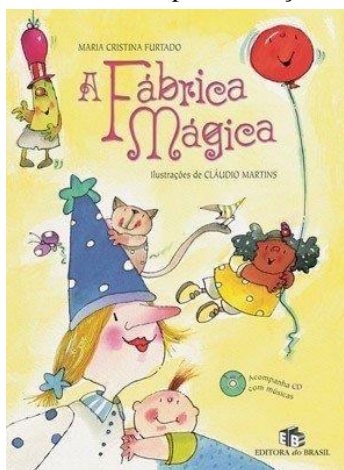
Cada vez que abrimos um livro para ler uma história às crianças, transformamos esse momento em algo mágico, pois abrimos uma janela para o misterioso, para a fantasia. No momento que contamos, começamos um ritual onde os participantes serão o leitor e o ouvinte e para isso a expressão, o movimento, o gesto, a voz dão sabor às palavras que aos poucos vão criando uma afinidade carinhosa entre o leitor, o ouvinte e o próprio texto. Este é um momento místico que vai mostrando continuamente os acontecimentos, provocando sensações, emoções e curiosidade. E pensando nessa relação leitor/ouvinte/texto que iniciei o trabalho do projeto intitulado “Eu, Leitor” com uma leitura dramatizada.

A turma foi encaminhada até a biblioteca da escola, onde havia preparado um ambiente acolhedor, com painel, frases de incentivo a leitura, tapetes, almofadas e uma música instrumental para tranquilizar e colocar a turma já no clima da história. Para aguçar ainda mais as expectativas das crianças, expliquei que iria me ausentar por alguns minutos pois buscaria alguém muito especial, que conduziria aquele momento.

Assim, pedi a coordenadora pedagógica que ficasse um pouco com as crianças enquanto vestia uma fantasia de boneca, pois a história escolhida tinha como personagem principal uma essa personagem.

Quando estava pronta, apareci para a turma e fui me apresentando como a Boneca Sorriso: um brinquedo que veio lá do livro “A fábrica mágica”, da autora Maria Chistina Furtado e que contaria para eles o que havia acontecido com todos os brinquedos daquela fábrica. Também convidei uma professora da escola para ser a patinha sem asas, personagem amiga da Boneca Sorriso.

Figura 1: Livro utilizado para contação de história.



Fonte: /www.travessa.com.br

Figura 2: Professoras caracterizadas para fazer a contação de história.



Fonte: Arquivo pessoal.

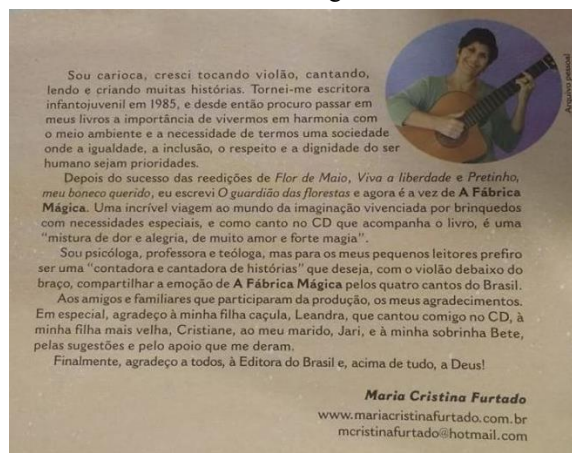
Com as crianças já no clima da história, iniciei a contação, fazendo a leitura de cada uma das páginas do livro com entonação de voz, mudança nas falas dos personagens e suspense em tudo que aconteceria. Também fui intercalando durante a contação as músicas que aparecem no livro, visto que o livro possui um cd específico.

Figura 3: CD com música do Livro
“A fábrica mágica”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4: Informações sobre a autora do livro
“A fábrica mágica”.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os alunos ficaram concentrados, alguns nem piscavam, vibravam ao ouvir cada fato da história. Após a conclusão da história, conversamos sobre o que aconteceu, seus personagens, o que mais gostaram e o que aprenderam com ela. Em seguida, retornamos para sala onde já havia preparado grupos para confecção de brinquedos utilizando sucata, em virtude do livro apresentar todo seu enredo em uma fábrica de brinquedos. Com muita criatividade e dedicação, as crianças produziram muitos brinquedos, demonstrando entusiasmo pelo momento

Figura 5: Brinquedos construídos com sucatas.



Aproveitei o envolvimento da turma e expliquei como aconteceria o projeto e como a participação de todos seria fundamental, já que iríamos construir durante a unidade atividades lúdicas e prazerosas que tinham como objetivo despertar / incentivar em cada um o gosto/o desejo pela leitura.

4.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COM VÁRIOS RECURSOS

Dando sequência ao projeto, orientei que os alunos escolhessem um livro que já haviam lido e gostado muito e de forma criativa e dinâmica deveriam apresentá-los aos demais colegas. Para casa foi um aviso explicando como aconteceria essa atividade para que assim família e alunos pudessem ter a oportunidade de trabalharem juntos para a realização desse atividade.

Durante os dias que antecederam as contações, era muito comum entre as conversas das crianças nos momentos de rodinha, os relatos dos preparativos, da participação da família no processo e de quanto eles estavam ansiosos para chegar a sua vez de apresentar o seu livro preferido.

Durante duas semanas tivemos a oportunidade de ouvir diferentes histórias. A cada apresentação um show de criatividade, comprometimento e alegria. Tivemos histórias riquíssimas em ensinamentos e criatividade. Tivemos também alunos fazendo entonação de vozes diferentes, se descobrindo grandes contadores de história.

Figura 6: Contação com fantasia



Figura 7: Contação com avental



Figura 8: Contação com cineminha.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9: contação com fantoche de vara.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10: Contação com fantasia e cartazes com imagens do livro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11: Contação com cineminha.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12: Alunos após a apresentação da contação.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foram momentos gratificantes, pois aos poucos fui percebendo a turma envolvida pela fantasia que a literatura infantil proporciona. Segundo Bakhtin (1992 *apud* CASTRO 2012) “a literatura infantil por ser um instrumento motivador e desafiador, é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade”.

Assim, a cada história, os alunos foram refletindo sobre suas ações no cotidiano escolar, em casa e nas comunidades que participam. Também pude perceber o interesse em buscar na biblioteca da escola outros livros para fazer a leitura.

4. 3 O RECONTO

Diante da receptividade da turma, fui propondo outras atividades para além da nossa sala de aula. Nesse momento o reconto oral foi escolhido por permitir à criança expressar-se de forma criativa e emotiva, bem como ter a oportunidade para expressar as ideias do seu jeito, aumentando a motivação e as competências orais. Segundo

Beetlestone, 1998, p. 20, apud Andrade 2017 “quanto mais as crianças se familiarizam com os vários elementos de uma história em particular, mais à vontade se sentem para as reestruturar”. Assim, convidamos as turmas do Grupo 5, da Educação Infantil, para ouvir uma história contada pelos alunos sujeitos de pesquisa.

Para que esse momento acontecesse de forma prazerosa tanto para os contadores/leitores, quanto para os ouvintes, os alunos do 3ºano foram divididos em subgrupos, cada um com uma função diferente para planejar esse momento: organização do espaço antes e durante a contação; contadores de história, conversação sobre a história; atividade de reflexão e ação após a história, lembrancinhas e agradecimentos. As aulas que antecederam esse momento foram animadas e cheias de preparativos!

Figura 13: Equipe de contadores.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 14: Equipe de diálogo sobre a história.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15: Equipe de atividades após a contação **Figura 16:** Equipe de lembrancinha e agradecimento



Fonte: Arquivo pessoal

No dia combinado, a turma do 3ºano recebeu o G5 que demonstrou estar receptiva para a atividade proposta. Nesse momento me coloquei como ouvinte e permiti que os alunos do 3ºano organizassem e comandassem todo o momento. Eles pediram que

a turma sentasse em círculo, pediram silêncio e assim contaram a história “Coach!”, do autor Rodrigo Folgueira com o auxílio de imagens impressas coloridas.

Figura 17: Capa do Livro “Coach”

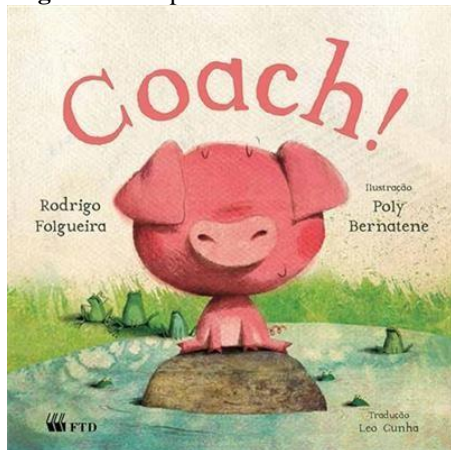


Figura 18: Painel com as páginas para contação.



Após a contação, os alunos do 3º ano promoveram um bate papo sobre a história contada (personagens, fatos ocorridos com cada um deles, final da história) e também sobre o autor do livro, onde puderam confeccionar umas cartas sobre um pouco da história de vida dele. Para concluir o trabalho foi distribuído massinha para que eles pudessem fazer algo relacionado a história.

Figura 19: Construção da casinha do autor.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 20: Porquinhos de massa.



4. 4 CAMPANHAS DE INCENTIVO À LEITURA

Seguindo as propostas de despertar o gosto pela leitura, a turma foi incentivada a produzir cartazes para espalhar pela escola com o objetivo de incentivar a leitura. Vários cartazes foram produzidos e a partir deles surgiu entre os alunos o desejo de arrecadar livros para aumentar o número de exemplares de livros de Literatura Infantil na biblioteca da Escola. Para isso, a turma preparou uma caixa onde os livros seriam depositados e saíram de sala em sala para fazer o pedido. E para que a campanha ganhasse mais notoriedade, os alunos construíram panfletos e no final da manhã distribuíram para os pais e responsáveis que viam buscar os filhos na Escola.

Figura 21: CAIXA COM LIVROS ARRECADADOS.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em discussão em sala, percebi que muitas das crianças não conheciam a Biblioteca Municipal, então organizei uma aula de campo para conhecer esse espaço. No momento da visita os alunos tiveram a oportunidade de explorar o lugar, sua organização e funcionamento, além de conversar com os funcionários, que responderam aos seus questionamentos. Um dos funcionários os conduziu até o espaço destinado a Literatura Infantil, mas que infelizmente eles não puderam utilizar devido ao péssimo estado de conservação.

Figura 22: Visita à Biblioteca Municipal de Amargosa.



Fonte: Arquivo pessoal.

Após a aula de campo, conversamos sobre como se sentiram ao visitar o local. Com base nas discussões, as crianças chegaram a conclusão que não bastava arrecadar os livros, era preciso, antes de levá-los a biblioteca da escola, analisar o estado de conservação de cada um. As crianças levaram os livros arrecadados para a Biblioteca da Escola e aproveitaram para arrumar as estantes de livros destinados a Literatura Infantil.

Durante a campanha, os alunos foram os protagonistas. Tudo foi pensado e preparado por eles. Foi gratificante perceber todo o cuidado e a dedicação em cada momento e atividade proposta.

4. 5 OS CONTADORES DE HISTÓRIA

A arte de contar histórias é uma prática milenar que tem se mantido até os dias atuais. Podemos caracterizá-la como uma maneira de compartilhar experiências e de entender o mundo que nos cerca. Há alguns anos, era utilizada para repassar costumes, crenças, hábitos, a cultura e o modo de viver de diferentes povos, hoje, ela está cada vez mais presente na escola e na sala de aula. “A contação de histórias ou narração oral de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca”. (BUSATTO, 2006)

As histórias, além de revelar a nossa realidade por meio de representações, nos faz pensar sobre as relações humanas, podendo se constituir numa passagem para outros lugares, levando-nos a conhecer outras experiências e culturas, tornando assim real a afirmativa que diz “quem lê, viaja”.

E os contadores de história não poderiam ficar de fora desse projeto. Assim, convidamos em momentos diferentes a contadora de história RG, a psicopedagoga AF e alguns alunos do Ensino Médio para contar história para a turma.

A nossa primeira contadora foi a professora RG que nos presentou com a história de sua autoria “A menina e o pássaro”. Contadora de histórias há muitos anos, RG deixou a turma encantada com a sua entonação e riqueza de detalhes. Após a história, ela conversou sobre os fatos ocorridos e pediu que as crianças representassem a história através de desenhos.

Figura 23: Contando a história



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25: Representando a história contada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24: Conversa após a contação



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 26: Representando a história



Fonte: Arquivo pessoal.

Como projeto estava sendo bem aceito pela turma do 3ºano e as demais turmas também já vinham demonstrando o interesse em participar, convidei as crianças do 1º e 2ºano para participarem dos momentos de contação.

O segundo momento foi cheio de músicas, danças e muita alegria. Os estudantes do Ensino Médio ES e PR, juntamente com o mestre de capoeira CR contaram a história “O roubo das palavras” e durante toda a contação intercalaram som, músicas e dança, o que deixou todos os presentes, inclusive os adultos bastante atentos.

Figura 27: Os contadores de história



Fonte: Arquivo pessoal.

Nosso terceiro momento de contação contou com a participação da Psicopedagoga AF, que contou a história “A colcha de retalhos”. AF estava caracterizada de vovó, o que tornou a história mais doce e apaixonante.

Figura 28: Capa do livro “A colcha de retalhos”.



Fonte: www.saraiva.com.br

Figura 28: AF contando história.



4. 6 FINALIZANDO O PROJETO...

Como fechamento do projeto “Eu, Leitor”, promovi para turma uma manhã diferente com momentos que chamei de Lanche Literário e Gincana Literária.

Para começar convidei três pessoas para conversar um pouco com as crianças sobre a leitura e a importância dela a vida de cada um. O primeiro a falar foi o aluno do 9ºano JG, que mostrou alguns livros que já leu e falou sobre autores infanto-juvenis que gosta muito. O segundo a falar foi YL, que também é aluno da escola. Ele apresentou um livro em que faz parte como autor e relatou a sua experiência nessa construção. E por último o professor AG, autor de vários livros, contou para as crianças a sua trajetória enquanto leitor e escritor e durante a sua fala incentivou as crianças a estarem em constante contato com a leitura e escreverem sempre suas histórias, para quem sabe um dia também lançarem um livro.

Depois dos momentos de partilha, as crianças fizeram algumas perguntas para os convidados e em seguida compartilhamos de um delicioso lanche.

Figura 30: Palestras e lanche Literário.



Fonte: Arquivo pessoal.

O segundo momento dessa manhã foi a Gincana Literária. Para isso, dividi a turma em três grupos e durante uma manhã realizamos “provas” que envolveram discussões em sala acerca da Literatura Infantil e dos livros que se destacaram ao longo das etapas do projeto:

- Escolher o nome de um (a) autor(a) para ser o nome da equipe;
 - Criar grito de guerra;
 - Apresentação de uma cena que representasse a importância de ler;
 - Torta na cara (Perguntas elaboradas pela professora sobre os livros que foram utilizados no projeto)
- Circuito literário: aqui as crianças participaram de uma sequência de ações como montagem de quebra-cabeça, identificação dos personagens e sua história, montagem de frases retiradas de livros da literatura infantil.

Após a conclusão das atividades, promovemos uma conversação sobre como foi o projeto para eles, pontos positivos e negativos. A partir desses depoimentos, também fui repensando a minha prática, as minhas ações enquanto docente e enquanto discente, o que me permitiu compreender como a pesquisa-ação é importante para a formação de profissionais cada vez mais próximos da teoria ao possibilitar o uso de reflexões teóricas no cotidiano da sala de aula e do trabalho escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho encerro o curso de Pedagogia aprofundando minhas reflexões sobre o papel da Literatura Infantil na formação de alunos leitores. Ao longo deste estudo foi possível conhecer um pouco sobre a origem da literatura infantil e alguns dos principais autores que colaboraram para que o gênero se expandisse e se desenvolvesse para chegar aos dias atuais.

Por meio de estudos bibliográficos realizados com importantes autores, como Coelho (2000), Lajolo (2002), Zilberman (1993), Ferreiro; Teberoski (1991), pode-se analisar os diferentes aspectos da Literatura Infantil e seus diversos usos no ambiente escolar. Também se refletiu sobre a Literatura Infantil enquanto obra literária, como recurso de incentivo à leitura e a formação de novos leitores.

Fica evidente que a literatura precisa ocupar outros espaços na vida escolar, de modo que a relação das crianças e professores com ela seja mais significativa e prazerosa, saindo daquela concepção que ainda persiste de se entender o livro como algo a ser decifrado e interpretado através de perguntas e atividades que não promovem uma interação maior entre o leitor e o que ele lê.

Esse estudo contribuiu de forma significativa para transformar a realidade da turma dos alunos do 3ºano, visto que a leitura de livros de Literatura infantil tornou-se hábito prazeroso no ambiente da sala de aula, além de levar a professora pesquisadora a estar mais atenta a necessidade do uso da Literatura Infantil como leitura diária no cotidiano escolar.

Os resultados foram possíveis, pois a pesquisa levou em conta os objetivos de compreender como o trabalho com a literatura infantil pode ser um importante mecanismo de formação de leitores engajados e que desenvolvem um senso crítico sobre a realidade, refletir sobre práticas de incentivo à leitura por meio dos contos da literatura infantil e reconhecer as possibilidades de trabalho sugerindo e indicando tantas outras formas para lidar com a literatura em incansáveis e inesquecíveis “Era uma vez...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, JOANA FRAGA. **A Importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos.** Porto Alegre 2017. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6307/1/DM_Joana%20Fraga%20Andrade.pdf>. Acesso 27/07.

BARROS, PAULA RÚBIA PELLOSO DUARTE. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura.** Disponível em <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pdf>>. Acesso em 27/07/2017.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Estética Da Criação Verbal.** Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTRO, ELINE FERNANDES. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança.** Disponível em <<http://www.blogdogaleno.com.br/2012/06/13/a-importancia-da-leitura-infantil-para-o-desenvolvimento-da-crianca>> acesso em 15/07.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. São Paulo: Manuele, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil:** teoria e prática. São Paulo: Ática, 1983. 143p.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

DRACO, Rogério. **História Infantil: Contribuições para uma prática pedagógica socializadora.** In: Revista do professor. Porto Alegre, Outubro/Dezembro, 1998, p.9-11

FELIPPE, Marília. **Fabricando um cotidiano para construção da leitura e escrita:** relato de uma pesquisa-ação. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25204> Acesso em 07/07/2018

- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FRANCO, Maria Amélia S. **Pedagogia da Pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31 n. 3 p. 483-502. Set/Dez 2005
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados. Coleção Polêmicas do nosso tempo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. 235p.
- MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer**. Rio de Janeiro: Nova Escola: a revista do professor, São Paulo, v. 16, n. 145, p. 21-23, set. 2001. Entrevista concedida a Priscila Ramalho.
- PAULINO, Graça. O trágico na Literatura. In: PAULINO, Graça et al. [Org.]. **Julia presente: contos para leitura literária de educadores de crianças**. Belo Horizonte: FAE-FALE, UFMG, 2009, 72 p.
- PERROTI, Edmir. Leitores, ledores e outros afins: apontamentos sobre a formação do leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**, Capítulo 5, Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 31-43.
- SCHARF, Rosetenar Feijó. **A escola e a leitura: Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual (Dissertação)**. UNISUL, Tubarão: 2000. Disponível em: acesso em 26/09/2014.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987. 118p.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura literária e outras leituras.** In: *Leitura-práticas, impressos, letramentos.* (Org.) BATISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.